



Elementos figurativos em *Meu Folclore, de Jota Sara*^{*}

Clérison Jesus da Cruz (UNEB)^{*}
Denise Silva Bitencourt (UNEB)^{**}

Resumo: No presente trabalho, alguns trechos de *Meu folclore* (1957), de José Aras, pelo pseudônimo de Jota Sara, são observados à luz da semiótica greimasiana, no que concerne, especialmente, à percepção dos temas e das figuras, elementos presentes na Semântica Discursiva do Percurso Gerativo de Sentido. Apresentam-se os conceitos semióticos de isotopia e figuratividade. Assim, busca-se elencar os investimentos figurativos, revelando, por conseguinte, o lugar do ideológico no discurso, isto é, a visão conselheirista. Ainda nessa busca, são destacadas as referências religiosas que, no texto em análise, tornaram-se um recurso semântico de construção dos efeitos de veracidade. Para tal efeito, lança-se mão de excertos dos seguintes autores: Belém (1940), Silva (s.d.), Cunegundes (1897), Calasans (1984), bem como de alguns trechos de Santos (1897), da Enciclopédia Católica Popular e outras obras de José Aras (1963, 2003, 2009). Ademais, Fiorin (2006), Barros (2005), Oliver (2013), baseando-se nos estudos greimasianos fornecem subsídios importantíssimos para a efetivação da análise.

Palavras-chave: semiótica greimasiana; temas; figuras; isotopias.

1. Introdução

A linha férrea corre no lado oposto. [...] Salta-se do trem; transpõem-se poucas centenas de metros entre casas deprimidas; e topa-se para logo, à fimbria da praça — o sertão... Está-se no ponto de tangência de duas sociedades, de todo alheias uma à outra. O vaqueiro encourado emerge da caatinga [...], estaca o “campeão” junto aos trilhos, em que passam, vertiginosamente, os patricios do litoral, que o não conhecem. Os novos expedicionários ao atingirem-no perceberam esta transição violenta. Discórdância absoluta e radical entre as cidades da costa e as malocas de telha do interior [...]. Viam-se em terra estranha. Outros hábitos. Outros quadros. Outra gente. Outra língua mesmo, articulada em gíria original e pinturesca. Invadiam o sentimento exato de seguirem para uma guerra externa. Sentiam-se fora do Brasil. A separação social completa dilatava a distância geográfica; criava a sensação nostálgica de longo afastamento da pátria. (Cunha, 1984, p. 224)

Duas Sociedades: o Sertão, as Cidades da Costa; duas figuras: o vaqueiro, os patricios do litoral. No fragmento acima, a imagem euclidiana reflete o antagonismo que gera separação social. O tempo é 1897. O espaço é o Sertão Baiano, Canudos. A Ocasão, uma Guerra. Os sujeitos da história: O exército *versus* jagunços.

Assim, a recém-nascida República foi sublinhada com duas bifurcações - Belo Monte, antigo Canudos, foi o palco de duas ideologias¹: de um lado Conselheiristas, e do outro Anticonselheiristas. Enquanto a primeira representava uma minoria

sobrevivente da miséria, a segunda refletia os interesses políticos da situação dominante.

Em meio às oposições da guerra, dois Antônio se destacaram. Seus nomes: Antônio Vicente Mendes Maciel, conhecido popularmente como Antônio Conselheiro, e Cel. Antônio Moreira César, comandante da 3^a. Expedição contra Canudos. Ambos firmados como figuras ambivalentes, pois, para os conselheiristas, Antônio, o conselheiro, o cearense, era um líder, um peregrino. Para os anticonselheiristas, um fanático, um louco, um bandido. O segundo, Moreira César, era apontado pelos conselheiristas “como o anti-Cristo, que vinha destruir o reino de Cristo, em Canudos” (Calasans, 2009). No entanto, para os anticonselheiristas, era um homem valente e de estudos, no qual depositavam suas confianças.

Tendo em vista a situação alarmante dos combates em Belo Monte, “dir-se-ia que versejar ajuda a combater” (Calasans, 1984, p. 3). Assim sendo, segundo José Calasans, os conselheiristas, a despeito das dificuldades incontáveis, não abandonaram as musas nas horas difíceis e dramáticas da peleja suicida (Calasans, 1984, p. 3). Euclides da Cunha, então repórter de *O Estado de S. Paulo*, impressionou-se com os papéis encontrados nos casebres de Belo Monte. Acerca deles, diz:

Ora, no mais pobre dos saques que registra a História, onde foram despojos opimos

^{*} DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2016.120539

^{*} Graduando da Universidade Estadual da Bahia. Endereço de e-mail: cleriston.cruz@hotmail.com

^{**} Graduando da Universidade Estadual da Bahia. Endereço de e-mail: deniseccaimbe@gmail.com

¹ Emprega-se, neste trabalho, o conceito de ideologia como visão de mundo, mas com as ressalvas de que se levam em conta o caráter desequilibrado dos diferentes sistemas de representação e as distorções e ilusões produzidas ideologicamente. (Barros, 2007, p. 163)

imagens mutiladas e rosários de coco, o que mais acirrava a cobiça dos vitoriosos eram as cartas, quaisquer escritos e, principalmente os desgraçados versos encontrados. Pobres papéis, em que a ortografia bárbara corria parelha com os mais ingênuos absurdos e a escrita irregular e feia pareciam fotografar o pensamento torturado, eles resumiam a psicologia da luta. Valiam tudo porque nada valiam. [...] Os rudes poetas, rimando-lhe os desvairados em quadras incolores, sem a espontaneidade forte dos improvisos sertanejos, deixaram bem vivos documentos nos versos disparatados, que deletreamos [sic] pensando, como Renan, que há, rude e eloqüente, a segunda Bíblia do gênero humano, nesse gaguejar do povo. (Cunha, 1984, p. 91)

Na concepção de José Calasans, “apesar do elitismo dos comentários, o registro do fenômeno observado dá a Euclides da Cunha uma posição singular no entendimento do fato histórico de Canudos” (Calasans, 1984, p. 3). Todavia, as produções rimadas que foram divulgadas por Euclides, estão entre as muitas composições referentes ao “Messias” cearense e ao povoado de Canudos. É certo que:

Desde o aparecimento de *Os sertões*, em 1902, até os anos 40, não somente a literatura de cordel como os estudos em geral sobre Canudos não são numerosos. Falava-se mais de Euclides da Cunha do que da campanha de Canudos. O conflito sertanejo como que existia apenas por causa do livro consagrado e consagrador. Somente a partir da década de 40, a tragédia de 1897 começou a ser encarada como objeto de indagações sociais, políticas, culturais, econômicas. (Calasans, 1984, p. 8)

Ante os muitos nordestinos que imprimiram em seus folhetos a história dramática do Belo Monte, selecionou-se como objeto de estudo trechos de *Meu Folclore* (história da Guerra de Canudos), de Jota Sara. De fato, este é o pseudônimo usado por José Aras (1893-1979), baiano da cidade de Cumbe, atualmente Euclides da Cunha (Calasans, 1984, p. 9.).

José Aras trabalhou em longa duração, inserindo o seu sertão na História do Brasil e da Bahia [...]. Movido por um sentimento de revelação, tencionou apresentar a história da Cidade de Euclides da Cunha. Para tanto se utilizou de fontes manuscritas e orais, colhidas da tradição local e da memória coletiva. Buscou, com os recursos do seu tempo, escrever uma história dentro das tendências e formas vigentes no período em que narrou. (Aras, 2009, p. 13)

O trabalho desenvolvido por José Aras não ficou restrito ao campo de pesquisas históricas, mas abrangeu também um aspecto cordelista. Calasans (2009) destaca-o como um poeta espontâneo que, em sua inata vocação, elevou em um trabalho de

Cordel, as notícias que recolhera na tradição oral. Destarte, alguns trechos (*Depois da Morte*, p. 42) de *Meu folclore* serão observados à luz da semiótica greimasiana, no que concerne, especialmente, à percepção dos temas e das figuras, elementos presentes na semântica discursiva do percurso gerativo de sentido.

Para tal efeito, é importante apresentar os conceitos semióticos de isotopia e figuratividade, uma vez que o presente trabalho objetiva mostrar como o processo de figurativização discursiva contribui para a criação dos efeitos de realidade. Assim, buscar-se-á elencar os investimentos figurativos, revelando, por conseguinte, o lugar do ideológico no discurso, isto é, a visão conselheirista. Ainda nessa busca, serão destacadas as referências religiosas que, no texto em análise, tornaram-se um recurso semiótico de construção dos efeitos de veracidade.

2. Conhecendo o complexo e concreto – nível discursivo

A teoria semiótica desenvolvida por Algirdas Julien Greimas parte do princípio de um mundo estruturado na forma de diferenças e oposições. Desse modo, sua teoria de significação concebe-se através de um percurso gerativo de sentido, ou seja, uma sucessão de patamares susceptíveis de descrições adequadas, mostrando como se produz e se interpreta o sentido, num processo que vai do mais simples/abstrato ao mais complexo/concreto (Fiorin, 2006, p. 20).

Os três patamares de Greimas denominam-se: Fundamental, Narrativo e Discursivo, respectivamente. Em cada um deles há um componente sintático e um componente semântico. Contudo, o presente trabalho deleita-se nas estruturas discursivas, nas quais os valores assumidos pelos sujeitos difundem-se sob a forma de percursos temáticos e recebem investimentos figurativos, assegurando a coerência semântica ao discurso.

Fiorin (2006, p. 91) explica que os discursivos figurativos criam um efeito de realidade, pois constroem um simulacro a seu respeito, representando dessa forma o mundo. Já os percursos temáticos procuram explicar a realidade, classificam e ordenam a realidade significante. Portanto, a tematização e a figurativização são dois níveis de concretização do sentido (Oliver, 2013, p. 147).

Ainda dentro deste nível, observa-se que a reiteração, a redundância, a repetição e a recorrência de traços semânticos (temas e figuras) ao longo do discurso asseguram a coerência. Assim sendo, Greimas, na obra *Semântica estrutural* (1966), propôs o conceito, inicialmente empregado

na Química, de *isotopia*, para explicar o fenômeno supracitado. Distinguem-se dois tipos de isotopia, segundo as unidades semânticas reiteradas: isotopia temática e isotopia figurativa. Conforme Oliver (2013, p. 149) é temática quando decorre da recorrência de traços semânticos abstratos no interior de um dado percurso temático, e figurativa, quando há a redundância de traços figurativos ao se associar figuras aparentadas.

3. Isotopias figurativas em Meu Folclore

[...]

DEPOIS DA MORTE

O Conselheiro foi ao céu
E a Deus pediu perdão
São Pedro lhe respondeu
Descansa aí teu bastão
Criarei um lugar nôvo [sic]
Pra descanso do teu povo
Até vir a redenção.

Moreira César foi ao céu
Com Tamarindo ao seu lado
São Pedro falou assim:
O quê, cara de malvado
Tamarindo entristeceu
São Pedro assim respondeu:
Espere mais um bocado.

E disse a Moreira César
Pra seu ódio não há perdão
Fôste [sic] orgulhoso no mundo
Não terá a salvação
Volte lá para a terra
Vá cuidar de sua guerra
No reino da escuridão.

As três estrofes acima compõem *Meu Folclore*. Pequenas estrofes, mas bem significativas. José Aras se notabilizou pela sua obra sobre Canudos, sempre apresentando a sua visão sobre o episódio, justificando a presença e a ação do Conselheiro. Nasceu e criou-se no sertão do Conselheiro, portanto, foi conselheirista acima de tudo.

Em sua criação poética, em especial os versos destacados acima, percebe-se que em seu íntimo havia a identidade de um destemido jagunço do Vaza-barris (Calasans, 2009). Para Calasans (2009, p. 7), estes versos parecem de primeira qualidade, demonstrando “um cordelista espontâneo, como, talvez, nenhum dos outros textos da obra de Aras no campo de folclore”.

É observado que nos versos acima o cumbense fixa, integralmente, sua simpatia por Antônio Conselheiro, comprovando a sua perspectiva conselheirista. Em vista disso, compreende-se que os investimentos figurativos empregados pelo enunciador, espalham-se por todo o discurso, organizam-se em isotopias figurativas e, conseqüentemente, correspondem apenas a uma única isotopia temática: a abordagem conselheirista.

É perceptível também nos versos um discurso desenvolvido a partir da presença de sujeito(s) em busca de um objeto-valor, denominado *Salvação*. Logo, o percurso figurativo, que expõe as ações de sujeitos por conta de um valor, possibilitará o aparecimento das isotopias figurativas, ou melhor, o encadeamento isotópico de figuras correspondente ao tema que se contrapõe à concepção anticonselheirista.

Nesses poucos versos nota-se a presença de três sujeitos - Moreira César, Tamarindo e Conselheiro - que desejam entrar em conjunção com o mesmo objeto - a Salvação. No entanto, somente um, Antônio Conselheiro a obtém, pois os outros não possuem a competência, isto é, não são dotados do saber e/ou poder-fazer, que, no caso, constitui-se em uma vida digna, segundo os parâmetros religiosos, enquanto viviam na terra. Na narrativa apenas o “messias” cearense recebe uma sanção positiva. Em uma perspectiva semiótica, essas opções do sujeito da enunciação, em salvar apenas o Conselheiro, marcam os diferentes modos pelos quais a enunciação se relaciona com o discurso que enuncia (Barros, 2005, p. 52) - O Discurso Conselheirista.

Conforme Barros (2005, p. 130), o enunciador aproveita as figuras do discurso para fazer-criar, ou seja, para fazer o enunciatário perfilhar “imagens do mundo” e, a partir daí, acreditar na verdade do discurso. Por sua vez, o enunciatário crê verdadeiro, devido ao reconhecimento de figuras do mundo natural². Logo, o fazer-criar e o crer pressupõem um contrato fiduciário de veridicção, que regulamenta o reconhecimento das figuras. Partindo deste pressuposto, Aras reforça seu discurso conselheirista por meio de figuras religiosas da tradição católica. Haja vista que

[...] a religião é coisa eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que surgem unicamente no seio dos grupos reunidos e que se destina, a suscitar, a manter, ou a refazer certos estados mentais desses grupos. Mas então, se as categorias são de ordem religiosa, devem participar da natureza comum a todos os fatos religiosos: também elas seriam coisas sociais, produtos do pensamento coletivo. No mínimo - pois no estado atual dos nossos conhecimentos nessas matérias, devemos guardar-nos de qualquer tese radical e exclusiva - é legítimo supor que elas sejam ricas em elemento sociais. (Durkheim, 2008, p. 38)

Inicialmente, é criado um tempo e um espaço representativo da religiosidade. Na narrativa cordelista, o leitor é transportado, imediatamente, do

² Quando se diz que a figura remete ao mundo natural, pensa-se não só no mundo natural efetivamente existente, mas também no mundo natural construído. (Fiorin, 2006, p. 91)

“real” para outro tempo e outro espaço. Da Terra somos “levados” ao Céu, por meio da narrativa, para presenciarmos a chegada de três figuras que o receptor reconhece como reais e existentes, criando assim um simulacro. São Moreira César, Tamarindo e Conselheiro que após suas respectivas mortes compõem ao Céu. O tempo em que ocorrem as ações, pós-morte, pode-se considerar, dependendo das crenças, o tempo do faz-de-conta, tempo no qual as coisas mais impossíveis fazem-se verdadeiras por força da imaginação (Oliver, 2013, p. 144).

O espaço no qual é produzido o discurso não compreende o Céu visível, “auronos”, “atmosférico” ou “aéreo” (o céu das aves, dos ventos e das nuvens). Em contrapartida, este céu representa, para os cristãos, a morada de Deus, assim com o Olimpo representava, para os gregos, o lugar de habitação dos deuses. Ambos os espaços celestiais distinguem-se no fato de que, ao contrário do céu cristão, o Olimpo não era um lugar onde as pessoas que podem ser consideradas boas durante a sua vida terrena merecem ir.

Assim, de acordo com um esquema hebraico³ que propõe a existência de três céus ou a divisão do Céu em três, o Céu representado em *Meu Folclore* seria o terceiro céu – “eporanos”, “superior” ou “Céu dos céus” (a morada de Deus, e muito possivelmente o Paraíso). Na narrativa, os três sujeitos do estado, ainda em disjunção com o objeto almejado (Salvação) chegam aos Portões Celestiais e deparam-se com uma figura extremamente importante para a tradição judaico-cristã: São Pedro.

Simão Pedro, ou simplesmente, São Pedro, era um dos doze discípulos de Jesus. Segundo a Bíblia, “Jesus andando junto ao mar da Galileia, viu a dois irmãos, Simão, chamado Pedro, e André, seu irmão, os quais lançavam as redes ao mar, porque eram pescadores; E disse-lhes: Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens. Então eles, deixando logo as redes, seguiram-no” (ARC, Mateus 4: 18 – 21). Ademais, São Pedro, juntamente com Santo Antônio e São João, é um santo venerado pelo catolicismo oficial a partir de ritos litúrgicos formais, como missas, rezas e procissões.

Tendo em vista que, para milhares de devotos, S. Pedro (Castro, 2008, p. 186) é considerado padroeiro dos pescadores e chaveiro do céu, ou seja, aquele que faz a triagem avaliativa para permitir ou não a entrada de uma pessoa no reino celeste após a morte, José Aras aproveita-se desses elementos folclóricos e míticos para figurativizar o seu discurso. A crença de Pedro como chaveiro do céu deve-se a uma interpretação, na qual Catolicismo e Protestantismo opõem-se, dos relatos de Mateus 16: 18,19:

Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela; E eu te darei as chaves do reino⁴ dos céus; e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus.

Os quatro personagens (São Pedro, Conselheiro, Tamarindo e Moreira César) ancoram o texto na história criando a ilusão de referente e, portanto, de veracidade. Ainda com a finalidade de convencer da verdade, no interior do texto, cede-se a palavra ao interlocutor (Pedro) em discurso direto. Isso funciona para produzir uma imagem do real porque não se trata de dizer o que foi dito por alguém, mas de repetir tais e quais as suas palavras (Oliver, 2013, p. 145).

São Pedro na posição de “juiz” decide o destino dos três homens. Primeiramente, o Conselheiro pede perdão a Deus, em um discurso indireto, demonstrando um espírito quebrantado e humilde. São Pedro lhe responde diretamente: “Descansa aí teu bastão/ Criarei um lugar novo/ pra descanso do teu povo/ até vir a redenção⁵”. Estes versos apresentam a sanção positiva, na qual Antônio Vicente Mendes Maciel passa para um estado conjuntivo em relação ao objeto Salvação e, ainda, recebe em acréscimo “Um lugar novo de descanso”, não somente para ele, mas também para seu povo, isto é, para aqueles que o seguiram – os Conselheiristas.

A ação de perdoar, salvar e conceder-lhe um lugar de descanso, concretiza a isotopia temática que envolve a concepção conselheirista. São figuras da simpatia que o enunciador tem pelo Homem de Belo Monte. Essa ideia corrobora-se quando comparamos estes versos a outros compostos por diferentes cordelistas. Arinos de Belém (1940, p. 29), por exemplo, ao contar a “História de Antonio Conselheiro” expressa seu anticonselheirismo ao rimar: “Na Bahia o fanatismo/ caro ao Governo

⁴ Na concepção do Catolicismo, segundo a Enciclopédia Católica Popular, definem-se as chaves como: Instrumentos que permitem fechar e abrir. No NT, Jesus pela sua ressurreição, assumiu o poder de abrir as portas do Céu e do Inferno (AP); prometeu a Simão Pedro as chaves do Reino dos Céus (MT 16,19), como sinal do primado, que depois lhe entregou (JO 21,15-17); e aos Apóstolos concedeu depois o poder das chaves (JO 20,22-23), em gesto que a Igreja interpretou como de instituição do sacramento do Perdão ou da Penitência. Disponível em: <http://www.portal.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.asp?id_entrada=324>. Acesso: 23/08/2015.

⁵ Talvez, a expressão “até vir a redenção” complete-se com a afirmação de Agostinho de Hipona: “Segundo esta opinião, no intervalo de tempo que corre da morte deste corpo até chegar o dia em que acontecerá a ressurreição dos corpos [redenção] - dia do extremo juízo no qual se pronunciará a sentença do prêmio ou do castigo - as almas dos defuntos que, durante a sua vida terrena, não tenham tido costumes e afectos tais a merecer ser consumidos como madeira, feno e palha, não sofrerão o fogo que queimará aquelas almas que não viveram de tal modo...” (Agostinho de Hipona, A cidade de Deus, Livro XXI, cap. XXVI. In: <http://portoghese.lanuovavia.org/portoghese_conf_1_ccr_06_purgatorio.html>.

³ <<http://www.veritatis.com.br/inicio/espaco-leitor/5422-quantos-ceus-ha-no-ceu>>

custou/ e Antonio Conselheiro/ nunca em luta se mostrou/ e conforme alguém já disse/ o Diabo o carregou.” Observa-se a disparidade de ideologias representadas nos distintos destinos dados ao Conselheiro: enquanto para o conselheirista ele foi recebido por São Pedro, para o anticonselheirista o diabo o carregou.

À medida que João Melchiades Ferreira da Silva (1897) versifica: “Ergueu-se contra a República/ O bandido mais cruel/ Iludindo um grande povo/ Com a doutrina infiel/ Seu nome era Antonio Vicente Mendes Maciel”; José Aras (2003) defendia a figura messiânica, dando-lhe o céu como descanso e exprimindo, em outros poemas, palavras como:

Herói ou tresloucado da terra de Iracema
Resolveste escrever neste Sertão o teu poema
Eu te admiro, mártir! Que importam tuas loucuras?
Não foste covarde. Abraçaste o fanatismo?
Teu ideal era libertar teu povo do abismo
Tua Palavra era consolo para as criaturas.

Além dessas isotopias figurativas, observamos a atitude do enunciatário diante dos dois coronéis. Calasans (1993, p. 6) salienta que na posição de quem julgava aquele a quem os conselheiristas apontavam como o anti-Cristo, que vinha destruir o reino de Cristo, em Canudos, José Aras torna-se bem forte em sua condenação ao coronel Moreira César, comandante da 3ª. Expedição contra a “Jerusalém de Taipa”, como chamara Euclides da Cunha.

Após ter chamado Tamarindo, substituto do chefe no comando das tropas, de “cara de malvado”, entristecendo-o, São Pedro lhe diz: “Espere mais um bocado”. Esta expressão remete, implicitamente, à figura do Purgatório, porquanto, apesar de o termo não ser mencionado, os mecanismos discursivos pressupõem-no. A Enciclopédia Católica Popular⁶ define o Purgatório da seguinte maneira:

Segundo a fé católica, é um estádio de purificação dos restos de pecado por que passam as almas dos que morreram na graça de Deus, até entrarem no Céu. Dizem-se benditas as “almas do Purgatório” porque têm a salvação garantida, aceitando com alegria a purificação total que compreendem necessária para a visão de Deus, face a face. Faz ainda parte da fé católica que as almas do Purgatório podem se beneficiar dos sufrágios dos que ainda vivem, pelo que a Igreja recomenda que se reze por elas, se ofereça a missa por sua intenção e se alcancem indulgências em seu proveito. Tais recomendações encontram normalmente bom eco no povo de Deus, que até costuma elevar, pelos caminhos, pequenos monumentos a recordá-las, a que chama “alminhas”. A doutrina católica sobre o P. foi definida especialmente nos concílios de

Florença e de Trento, com base no AT (Macabeus 12,42-45), no NT (1Cor 3,15) e sobretudo na Tradição (cf. Cat. 1030-1031).

Em outras obras, a exemplo da Divina Comédia de Dante Alighieri, o purgatório serve como uma escada para o Céu, ligando a superfície terrestre às portas do paraíso. No Canto III (s/d, p. 28), o poeta italiano poetiza⁷

Mas anátema tanto alma não perde
Que, quando verde a esp'rança [sic] lhe floresce,
Do eterno amor do Criador deserde.

Por certo, em contumácia o que fenece
Contra a Igreja, ainda quando se arrependa
Na hora extrema sua, aqui padece.

Tempo, que trinta vezes compreenda
Da impenitência o espaço, se ao decreto
Preces não trazem benfazeja emenda.

O ato de São Pedro exigir uma espera da parte do coronel da 9ª infantaria, Pedro Nunes Tamarindo, implica a imagem engendrada por Dante, quando este sugere que aqueles que só se arrependeram quando não podiam mais pecar, não podem entrar imediatamente pela porta de São Pedro. Consequentemente, o destino dado a Tamarindo seria esperar do lado de fora, onde a espera pode durar dezenas de vezes o tempo de sua vida na Terra, segundo a referida percepção.

No livro *Sangue de Irmãos*, José Aras (2009, p. 142) descreve o substituto de Moreira César como “um homem sensato, inteligente e observador”. Euclides da Cunha (1984, p. 149) também falou bem a seu respeito: “Era um homem simples, bom e jovial, avesso a bizzarrear façanhas. Chegara aos sessenta anos candidato a uma reforma tranqüila”. Quiçá, estas qualidades tenham concedido-lhe uma situação adversa à de Moreira César. Para este, nas estrofes analisadas, São Pedro diz: “Pra teu ódio não há perdão/ Foste orgulhoso no mundo/ não terás a salvação/ Volte lá pra tua terra/ Vá cuidar da tua guerra/ no reino da escuridão”.

O verso “Pra teu ódio não há perdão” remete-nos a outra tradição católica – Graus dos Pecados⁸.

Na tradição da Igreja, impôs-se a distinção entre pecado mortal (ou grave) e pecado venial (ou leve), distinguindo-se um do outro por natureza e não por simples grau. O pecado mortal pressupõe matéria grave, plena consciência (do acto e da sua gravidade) e propósito deliberado. A matéria grave encontra-se precisada nos dez

⁷Em prosa: Não há maldição que não possa ser anulada pelo eterno amor, enquanto ainda restar um fio de esperança. Mas quem morre tendo negado a Santa Igreja e só no fim se arrepende, tem que aguardar nesta encosta trinta vezes o tempo que passou na sua presunção, a não ser que tal decreto seja encurtado por boas preces. Disponível em: <http://www.stelle.com.br/pt/purgatorio/canto_3.html>.

⁸Disponível em: <<http://www.ecclesia.pt/catolicopedia/>>

⁶ Disponível em: <<http://www.ecclesia.pt/catolicopedia/>>. Acesso: 23/08/2015.

Mandamentos da Lei de Deus, segundo a resposta de J. C. ao jovem rico: “Não mates, não cometas adultério, não furtos, não levantes falsos testemunhos, não cometas fraudes, honra pai e mãe” (Mc 10,18). A gravidade da matéria depende das circunstâncias concretas, o mesmo se podendo dizer da plena consciência e do total consentimento. O pecado mortal degrada quem o pratica, quebra a amizade com Deus, faz perder a graça santificante e os méritos sobrenaturais adquiridos anteriormente e acarreta a pena eterna. Faltando qualquer dos três elementos acima referidos, o pecado deixa de ser mortal para ser venial. O pecado venial não corta a amizade com Deus nem a graça santificante, não acarreta pena eterna, mas pena temporal. O pecado venial cometido por simples fragilidade, sempre que lamentado e combatido, pode mesmo despertar um esforço maior pela santificação própria, mantendo a pessoa na humildade e na paciência; pelo contrário, o pecado venial friamente deliberado enfraquece a caridade e predisõe para o pecado grave.

Desse modo, os pecados cometidos por César são classificados pelo enunciador como mortais, pois lhe é negada a salvação, ou seja, seu destino será sempre disjuntivo em relação ao objeto-valor desejado. Em *Sangue de Irmãos*, José Aras (2009, p. 120) narra que “seus desafetos o apelidaram de Corta-Cabeças, Corta-Pescoços, Treme-Treme, etc.”, meios que o celebrizaram. Mais adiante, o pesquisador cumbense comenta que boatos e notícias de jornais falavam dos crimes e atrocidades do coronel Moreira César. Deve-se às suas qualidades sanguíneas a escolha para lutar em Canudos. “Sabendo suas atitudes insensatas e, muitas vezes, desumanas, o povo das caatingas julgava ser ele mesmo o anti-Cristo, anunciado pelo Conselheiro, no fim do século...” (2009, p. 123). Ainda em *Meu Folclore* (1940, p. 21), o poeta cumbense poetiza a respeito de César:

Antonio Moreira César
 Coronel no Mato Grosso
 Das vinganças sanguíneas
 Do seu gênio de destrôco [sic]
 Que em Santa Catarina
 Era mestre de chacina
 Mandou vir com seu reforço [sic].
 Sofria epilepsia
 Era o tipo de Satanás
 Tanto matava na luta
 Como matava na paz,
 Quando vinha à capital
 Era o espectro do mal
 Quedo, feroz e sagaz.

Um dos pecados do Cel. que são destacados é o orgulho: “Foste orgulhoso no mundo”. Este pecado, também chamado de soberba, de acordo com a tradição católica, é a matriz de todos os vícios e

pecados, uma vez que foi a soberba/orgulho⁹ que ocasionou a queda de Lúcifer e alguns anjos (cf. Is 14,12-14). Dante, em sua *Divina Comédia*¹⁰, descreve os orgulhosos carregando seus pesados pecados nas costas. Ademais, chama-os de miseráveis e cansados, lembrando que em sua natureza são meras larvas, nascidas para formar a angélica borboleta que à Justiça voa sem defesa. E que, portanto, não é proveitoso elevar-se em pretensões, visto que não são mais que insetos defeituosos (Alighieri, s/d, p. 88-9)

Tendo galgado, velozmente, três postos em um período de dois anos, recebendo poderes em Santa Catarina, do então Presidente Floriano Peixoto, o orgulho, talvez, tenha dominado Moreira César. Conta-se, segundo José Aras (2009, p. 120), que ao saber da derrota do major Febrônio exclamou com superioridade: “Custe o que custar, defenderemos a honra do nosso exército”. Num ataque epilético afirmava que ao chegar a Canudos degolaria até os recém-nascidos. Acerca dele, Euclides da Cunha expõe:

[...] Naquela individualidade singular entrecrocavam-se, antinômicas, tendências monstruosas e qualidades superiores, umas e outras no máximo grau de intensidade. Era tenaz, paciente, dedicado, leal, impávido, cruel, vingativo, ambicioso. [...] Em sua alma a extrema dedicação esvaía-se no extremo ódio, a calma soberana em desabrimientos repentinos e a bravura cavalheiresca na barbaridade revoltante. Tinha o temperamento desigual e bizarro de um epilético provado, encobrindo a instabilidade nervosa de doente em placidez enganadora. [...] O capitão Moreira César, ainda moço, à volta dos trinta anos, e tendo já em seus assentamentos, averbados, merecidos elogios por várias comissões exemplarmente cumpridas. E foi o mais afoito, o mais impiedoso, o primeiro talvez no esfaquear pelas costas a vítima [...]. [...] O governo parecia desejar ter perto de si aquele esteio firme – o homem para as crises perigosas e para as grandes temeridades. A sua figura de menino atravessava os quartéis e as ruas envoltas de murmúrio simpático elouvaminheiro,

⁹ Justamente por ser o desejo de superioridade, o alimento da pessoa orgulhosa, é que este pecado foi considerado pela tradição cristã, como o maior e mais nocivo dos pecados. Nele, o pecador não se dirige mais a uma finalidade específica como, agredir, rebaixar, malemolência, possuir ou obter prazer. Nele, no orgulho, não há objetivo específico. A pessoa orgulhosa pode agredir, ao mesmo tempo em que rebaixa o outro... enquanto rouba, possuindo aquilo que não lhe pertence... obtendo também, o máximo de prazer possível e imaginável com toda esta alquimia. Pois tudo vale, quando se deseja “ser superior” aos outros. Disponível em:

<<http://www.sobreavida.com.br/2013/11/08/orgulho-pecado>>

¹⁰ [...] Cristãos soberbos, míseros, perdidos/ Cegos da alma, que haveis pra trás andado/ De tanta confiança possuídos. Que vermes somos não vos stá provado/ De que surge a celeste borboleta/ Que incerta voa ao tribunal sagrado?/ Por que do orgulho assim passam a metaq Se sois insetos no embrião somente/ Vermes de formação inda incompletos?

comentando-lhe em lisonjarias os lances
capitais da vida. (Cunha, 1984, p. 130-1)

Os versos no qual o destino dado ao Coronel da Terceira Expedição fora o “reino da escuridão” figurativizam a temática conselheirista, envolvendo o ódio a Moreira César. Comprova-se esta premissa, ao visualizar os versos do *ABC da Incredulidade*, coligido por José Aras, cuja ortografia original fora conservada (1897, p. 1-2):

Donde saiu êsse home
Cum tamanha *soberbia*
Quiria arrasá a cidade
De manhã até mei dia
Quinta-feira os arubú
Cum êles fizeram fúlia.
Eu cum muito mêdo
Fiquei de longe ispiando
O sinhô Moreira César
Homes que só maginava
Em acabá os inucente
Porisso Deus castigô
Numa hora de repente
Logo morreu o generá
O cumandante e tenente.
[...]
Genenrá Moreira Céza
Catorze batáia venceu
Na quinze veio a Belo Monte
Mais os urubú o cumeu
Seno êle tão valente
Eu nem sei cuma morreu.

A isotopia temática que predomina na narrativa *Meu Folclore* - visão conselheirista - contrapõe-se à anticonselheirista. Enquanto a primeira abomina a figura de Moreira César, tendo-o como anti-Cristo, a segunda exalta-o. João de Souza Cunegundes (1897), por exemplo, em suas trovas sobre *A Guerra de Canudos do fanático Conselheiro*, reflete a aversão aos “perigosos monarquistas”, servindo, segundo José Calasans, aos interesses políticos da situação dominante. Portanto, a imagem do coronel da 7ª. infantaria é exaltada em suas quadras contrapondo-se às estrofes em análise. Assim metrifica (1897, p. 1):

[...]
O governo precisava
De um homem forte e valente,
Que marchasse para a guerra
Destroçar aquela gente.
Apareceu Moreira César
Homem valente e de estudos,
Ofereceu seus serviços
Para partir p'ra Canudos.
[...]
Morreu este *patriota*
Uma glória do Brasil:
A favor de sua pátria
Contra aquela gente vil.
O Brasil ficou de luto
E o exército também;
Todos choraram a morte
Daquele *homem de bem*.

Para uns (anticonselheiristas), Moreira César era homem patriota, valente, um homem de bem, que morreu por sua pátria. Para outros (conselheiristas), um soberbo, castigado divinamente por querer “brigá com Deus/ Qui é qui tem todo pude”. Para uns, as mortes dos dois actantes representados nas trovas, chocaram todo o Brasil, afinal, eram homens ilustres. Para outros, eram “Homes que só maginava/ Em acabá os inucente/ Porisso Deus castigô/ Numa hora de repente/ Logo morreu o generá/ O cumandante e tenente”¹¹. Desta maneira, as figuras do conteúdo investidas semanticamente recobrem o nível abstrato dos citados temas díspares.

Em síntese, o percurso temático que envolve a abordagem conselheirista reitera os seguintes traços visuais de cunho religioso: a busca pela salvação, o ato de considerar apenas o Conselheiro digno de perdão e merecedor de descanso; o destaque aos aspectos negativos dos coronéis, impedindo-os de adentrarem as regiões celestiais. Outrossim, o realce dado ao ódio e ao orgulho, matriz dos pecados capitais.

A simpatia a Antônio Conselheiro é também consubstanciada nos díspares destinos de cada sujeito da narrativa: lugar de descanso, reino de escuridão e uma longa espera. A figura do Céu, a prestação de conta pós-morte, bem como a implícita representação do purgatório também são investimentos figurativos que recobrem o tema recorrente. Além disso, os diferentes modos como São Pedro, responsável pela triagem avaliativa nos versos, dirige-se a cada actante, destaca a concepção conselheirista que se espalha por toda a narrativa.

4. Conclusão

Foram poucos os trechos de *Meu Folclore* (José Aras) submetidos à análise a partir da semiótica greimasiana, no que concerne, especialmente, à percepção dos temas e das figuras, elementos presentes na semântica discursiva do percurso gerativo do sentido, entretanto, os pequenos versos, mas significativos, foram suficientes para observar como o processo de figurativização discursiva contribui para a criação de efeitos de realidade.

As referências religiosas que se caracterizam por representações coletivas cooperaram para o contrato fiduciário de veridicção, ou seja, as isotopias figurativas de cunho religioso auxiliaram na organização e compreensão do discurso conselheirista de José Aras, uma vez que o enunciário crê verdadeiro, devido ao reconhecimento de “imagens do mundo”. Em vista disso, o encadeamento isotópico assegurou a coerência semântica.

A presença de sujeitos reconhecidos (Antônio Conselheiro, Moreira César, Tamarindo e São Pedro)

¹¹ABC da Incredulidade. Manuel dos Santos - 1897.

pelo receptor como existentes e das recorrências de traços semânticos pertencentes à tradição católica serviram como aporte para que o enunciário “entrasse” no mundo da figuratividade ao imaginar ou recriar os elementos que o compõem. Assim, a fíducia e a crença geraram a veridicção do discurso.

A apresentação de excertos dos seguintes autores: Arinos de Belém (1940), João Melchiades Ferreira da Silva (s.d.), João de Souza Cunegundes (1897), Dante Alighieri (2003), José Calasans (1984), bem como alguns trechos do ABC da Incredulidade de Manoel dos Santos (1897), da Enciclopédia Católica Popular (2005) e outras obras de José Aras (1963, 2003, 2009) contribuíram para a observação do discurso conselheirista do autor em análise. Ademais, Fiorin (2006), Barros (2005), Oliver (2013), baseando-se nos estudos greimasianos, forneceram subsídios importantíssimos para a efetivação da análise.

Sobre José Aras, por meio dos pequenos versos, conclui-se que “[...] não se limitava a ser um descobridor de águas: tornou-se escritor, poeta repentista espontâneo, retratando, inclusive, a saga da Guerra de Canudos, de forma criativa e recolhida na oralidade, compondo um admirado conjunto da literatura de Cordel” (Random, 2003). ●

Referências bibliográficas

- Alighieri, Dante. *A Divina Comédia: Purgatório*. [S.n.t.], 2003.
- Aras, José. No Sertão do Conselheiro. Adailgisa Nady Aras de Macêdo e Roque Aras (orgs.). Salvador: Contexto & Arte, 2003a.
- Aras, José. *Sangue de Irmãos: Canudos por dentro*. Adailgisa Nady Aras de Macêdo e Roque Aras. (orgs.). Feira de Santana: EMGRAF, 2009b.
- Aras, Lina. Prefácio. In: Aras, José. No Sertão do Conselheiro. Salvador: Contexto & Arte, 2003. Macedo, Adailgisa Nady Aras de, Roque Aras, orgs.
- Barros, Diana Luz Pessoa de. *Teoria Semiótica do Texto*. São Paulo: Ática, 2007.
- Belém, Arinos de. *História de Antonio Conselheiro: campanha de Canudos*. Belém, Guajarina - Casa Ed. de Francisco Lopes, 1940. In: Calasans, José. Canudos na Literatura de Cordel. São Paulo: Ática, 1984.
- Calasans, José. *Canudos na Literatura de Cordel*. São Paulo: Ática, 1984a. Disponível em: <http://josecalasans.com/downloads/canudos_na_literatura_de_cordel/canudos_na_literatura_de_cordel.pdf>. Acesso: 20/08/2015.
- Calasans, José. Palestra - Centenário de Nascimento de José Aras. Transcrição de Fita de Vídeo, Euclides da Cunha - Bahia, 28 de Julho de 1993. In: Aras, José. *Sangue de Irmãos: Canudos por dentro*. Feira de Santana: EMGRAF, 2009b.
- Castro, Jânio Roque Barros de. *As festas religiosas em louvor a São João Batista na Bahia: práticas devocionais e elementos míticos na interface sagrado/profano*. In: Espaços culturais: vivências, imaginações e representações. SERPA, A., org. Salvador: EDUFBA, 2008.
- Cunegundes, João de Souza. *A Guerra de Canudos no sertão da Bahia*. Rio de Janeiro: Livraria do Povo, Quaresma & Cia. Livreiros Editores, 1897. In: Calans, José. Canudos na Literatura de Cordel. São Paulo: Ática, 1984.
- Cunha, Euclides da. *Os sertões*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- Falcão, Manuel Franco, D. Enciclopédia Católica Popular. Editora: Paulinas - Portugal, 2005. Disponível em: <http://www.ecclesia.pt/catolicopedia/>. Acesso: 20/08/2015.
- Fiorin, José Luiz. *Elementos da Análise do Discurso*. 14 ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- Greimas, Algirdas Julius e Courtés, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008a.
- Greimas, Algirdas Julius. *Semântica Estrutural: pesquisa de método*. São Paulo: Editora Cultrix, [s.d]b.
- Oliver, Camila. *Se tu falas muitas palavras sutis: A Teoria semiótica Greimasiana*. In: Chico Buarque: o tempo, os temas e as figuras. Curitiba: Appris, 2013, p. 89-141.
- Random, José Jorge. Palavra do Editor. In: No Sertão do Conselheiro. Adailgisa Nady Aras de Macêdo e Roque Aras. orgs. Salvador: Contexto & Arte, 2003.
- Santos, Manuel dos Santos. *ABC da Incredulidade*. 1897. In: ARAS, José. *Sangue de Irmãos: Canudos por dentro*. Adailgisa Nady Aras de Macêdo e Roque Aras. orgs. Feira de Santana: EMGRAF, 2009, p. 151-156.
- Sara, J. *Meu folclore; história da guerra de Canudos, 1893-1898*. Biografia de Antonio Conselheiro. Sua vida em sua terra, o Ceará. Cocorobó destruirá Canudos e restabelecerá os Belos Montes. 2. ed. Museu do Arraial Bendengó. Euclides da Cunha, 1957. p. 1-41. In: Calans, José. Canudos na Literatura de Cordel. São Paulo: Ática, 1984.
- Silva, João Melchiades Ferreira da. *A Guerra de Canudos*. s. n. t. In: Calans, José. Canudos na Literatura de Cordel. São Paulo: Ática, 1984.
- Stamps, Donald C. *Bíblia de Estudo Pentecostal: Antigo e Novo Testamento*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

Dados para indexação em língua estrangeira

Cruz, Clériston Jesus da; Bitencourt, Denise Silva.
Figurative elements in Jota Sara's book *My Folklore*.
Estudos Semióticos, vol. 12, n. 1 (2016)
issn 1980-4016

Abstract: *In this study, some excerpts from My Folklore (1957), by José Aras, the Jota Sara pseudonym, are seen in the light of Greimas semiotics, with regard especially to the perception of the themes and figures, elements present in the Semantics Discourse the Generative Sense course. Present the semiotic concepts of isotopy and figuration. Thus, the aim is to list the figurative investments, revealing therefore the place of ideology in the speech, i.e. the conselheirista vision. Even in this quest, the religious references are highlighted that the text in question, became a semantic resource construction of the effects of truth. For this purpose, extracts from hand launches the following authors: Belém (1940), Silva (s/d), Cunegundes (1897), Calasans (1984), as well as some excerpts from Santos (1897), The Popular Catholic Encyclopedia and other works of José Aras (1963, 2003 and 2009). Moreover, Fiorin (2006), Barros (2005), Oliver (2013), based on greimasian studies provide very important subsidies for effective analysis.*

Keywords: *Semiotics greimasian; Themes; Figures; Isotopies.*

Como citar este artigo

Cruz, Clériston Jesus da; Bitencourt, Denise Silva. Elementos figurativos em *Meu Folclore*, de Jota Sara.
Estudos semióticos [on-line]. Disponível em: (<http://www.revistas.usp.br/esse>).
Editores responsáveis: Ivã Carlos Lopes e José Américo Bezerra Saraiva.
Volume 12, Número 1, São Paulo, Julho de 2016, p. 74-81.
DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2016.120539.
Acesso em “dia/mês/ano”.

Data de recebimento: 18/01/2016
Data de aprovação: 30/05/2016
